



EDUCAÇÃO FÍSICA: TEMPOS NA HISTÓRIA, SENTIDOS DAS MEMÓRIAS...

SUTIL, Cristina – PPGEF – UFPEL - E-mail: cris.sutil@yahoo.com.br; **FIGUEIREDO**, Márcio Xavier B. PPGEF – FAE – GPECIE - Orientador – bonorinosul@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta escrita tem a intenção de acolher e convidar à leitura, professoras e professores, que apesar dos problemas, buscam realizar nas escolas um ensino de qualidade, porque esperançosos acreditam na mudança social através da educação. Que as lembranças da escola sejam as mais agradáveis possíveis e repletas de marcas significativas.

Acreditamos que para conhecermos as memórias das entrevistadas no ato da rememoração ocorreu articulação entre experiências, vivências, fatos individuais e coletivos, entre o passado e presente, considerando-se relevante que os sujeitos partilhassem as histórias para os estudantes, assim, estaríamos conhecendo as memórias da escola, da Educação Física, contada por ex-professoras que outra ali estabeleceu o seu palco de ação.

As memórias que aparentemente se apresentam individualizadas, tão logo se revelam imbuídas e alimentadas pelas memórias construídas na coletividade. Lógico que ao serem solicitadas de forma mais específica, as lembranças escolares oportunizaram aos sujeitos da pesquisa revelar fatos que lhes foram convenientes, ou seja, que lhes marcaram, de maneira prazerosa ou não.

Permitem ainda, mesmo que por alguns momentos reviver experiências através de novos significados. Halbwachs (1990), apud Kenski, (2005, p.146) expressa que: “O momento presente não pode ser considerado como um momento totalmente original, mas como reconstrução permanente de tudo aquilo que vivemos e aprendemos no decurso de nossas vidas. (...) O presente evoca-nos permanentemente as imagens e idéias apreendidas no passado”. Este entendimento se encontra em Kenski (2005) indica a capacidade de mesclar o passado e o presente dando à lembrança um sentido mais real.

MATERIAIS E MÉTODOS - Os caminhos da pesquisa.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Agar, no município de Otacílio Costa – SC. Os critérios para a escolha dos sujeitos pautou-se na análise documental de fichas cadastrais e funcionais, nas quais encontramos registros de quatro professoras de Educação Física que trabalharam nessa escola e aqui se apresentam com codinomes de: Sorriso, Humor, Tear e Móbile para assegurar a não exposição das envolvidas. A questão que buscamos

responder no processo da pesquisa foi: Como as aulas de Educação Física estão presentes nas memórias de professoras da Escola Agar?

A opção metodológica foi pela abordagem qualitativa por entender assim como Negrine et alli (2004, p. 61) que diz: “A base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. Isso significa que na pesquisas de corte qualitativo não há a preocupação em generalizar os achados”.

Optamos por esta abordagem por entender que esta seja a mais adequada no sentido de possibilitar a perspectiva compreensiva da realidade estando nela imersa, respondendo a questões particulares, sem a preocupação da generalização dos achados.

A pesquisa foi constituída primeiramente como já anunciamos de um levantamento dos documentos existentes na escola, no segundo momento mantivemos os primeiros contatos com as quatro ex-professoras, por telefone, já as entrevistas-conversas foram realizadas com todas elas, numa recriação do clássico processo de entrevista. Pensamos que a vinda das professoras no local onde já haviam trabalhado, seria uma oportunidade de trazer também aos alunos e alunas um pouco da história da escola, através das memórias presentes nos depoimentos. Nesse sentido a pesquisa qualitativa no ambiente escolar ultrapassa a especificidade da coleta de dados e acompanha a formação da comunidade escolar envolvida.

Os últimos momentos foram a análise das entrevistas-conversas a fim de estabelecer possíveis categorias¹, temáticas e relacioná-las com as teorias buscando as marcas, as memórias da Educação Física.

RESULTADOS E DISCUSSÕES - Tramas das memórias das professoras

Na escola Agar a Educação Física iniciou no ano de 1973, tendo a professora *Humor* como pioneira. Algumas recordações-referências foram às atividades desenvolvidas pela professora normalista eram os jogos de vôlei, piqueniques com as turmas, corridas e saltos.

Já nos depoimentos da professora *Tear* foi possível perceber que a função cívica esteve presente. Além disso desenvolvia ginástica, corridas, saltos e jogos de vôlei.

As questões cívicas como saber cantar o Hino Nacional, ficar na posição de sentido eram cobradas pelos professores de Educação Física que tinham a função de ensaiar a marcha para o Desfile do dia 7 de setembro, o corpo coreográfico com evoluções de balizas e a banda. Isso foi ressaltado pelas professoras *Humor* e *Tear* que atuaram no início da década de 70.

No ano de 1977 a professora *Sorriso* concluiu o curso de quatro anos de Magistério em Educação Física em Lages/SC que habilitava ao ensino de crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental. Já esta professora se utilizava das cantigas de roda, brincadeiras recreativas, destacando as partes

¹ As finalidades desta fase para Gomes (1994, p. 69-70) expressa com base em Mynaio (1992) são: “estabelecer uma compreensão dos dados coletados; confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas; ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte”.

da aula que aprendeu no curso: aquecimento, desenvolvimento - parte principal e a volta à calma.

A professora Móbile fez o curso de Ensino Superior na Faculdade Regional de Blumenau na década de 80. Respectivamente as professoras *Sorriso e Móbile* lembraram-se dos testes físicos quando foram alunas nesta época: “A gente ficava uma semana toda doída. Em um minuto tinha que fazer o maior número de abdominal hoje eu sei por que a gente ficava assim, não fazia aquecimento” (Sorriso). “Quanto mais exercício fizesse, melhor seria a nota” “A gente ficava uma semana toda doída. Em um minuto tinha que fazer o maior número de abdominal hoje eu sei por que a gente ficava assim, não fazia aquecimento”. (Móbile).

Foi na década de 80 que a Escola Agar começou a marcar presença nos Jogos Escolares de Otacílio Costa. Isto foi considerado relevante. Embora, à função do professor de Educação Física neste momento tenha sido entendida como “técnico esportivo” com a responsabilidade de treinar os “alunos-atletas” para vencer nas competições.

Os discursos de cunho cultural, filosóficos e pedagógicos iniciados na década anterior foram intensificados na década de 90. As abordagens críticas da Educação Física redimensionaram o esporte e abriram espaço para a cultura corporal de movimento presente na diversidade brasileira.

Isto ainda significa dizer que poderíamos pensar na possibilidade de existir *outros olhos* em nosso corpo com capacidade de ver e sentir as coisas, não de forma ingênua ou idealista, mas comprometidos com a transformação da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Tempos de recordar, compreender...

Saramago (2005) – em Ensaio sobre a Cegueira afirma que: *o tempo é o parceiro que está a jogar do outro lado da mesa, e tem na mão todas as cartas do baralho, a nós compete-nos inventar os encartes com a vida*. Portanto, aqui neste fechar das cortinas vamos re-criar, re-inventar os encartes anunciados, nas nossas trajetórias e daqueles e daquelas que foram os atores reais e voltaram aos seus “antigos palcos” para re-encenar “tempos passados, vividos” nas entrevistas-conversas, nas fotografias, nas conversas registradas e partejadas por mim e os jovens meninos e meninas da Escola Agar.

As entrevistas-conversas realizadas com ex-professoras permitiram conhecer as marcas significativas da Educação Física na Escola Agar, no período que compreendeu as décadas de 1970 a 1990. Nesta perspectiva foi possível estabelecer relações contextuais com as origens e as tendências pedagógicas que marcaram a história da Educação Física brasileira.

As memórias neste processo nos permitiram abrir os baús dos tempos, e garimpar os conhecimentos que lá ficaram guardados, esquecidos e aflorar os possíveis significados desse passado para pensar o presente e redesenhar outros futuros, sem esquecer a história real vivida guardada em outros palcos.

Assim, quando dizemos que *“o tempo fez com que a gente aprendesse a ver as coisas com outros olhos”* significa apontarmos para a valorização das memórias e não para o seu julgamento. Neste processo foi preciso ser sensível, ter ética profissional para reconhecer os “jeitos” de ser e fazer Educação Física nesta escola.

Entretanto, a sensibilidade a qual nos referimos não é fragilidade ou sentimento de compaixão e afeto desmedido. Consideramos a sensibilidade como a capacidade de ler e interpretar a linguagem corporal que compõe a cultura de movimento humano na Educação Física sem desprezar as diversas possibilidades de se fazer esporte, ginástica, dança, recreação na escola.

Isto ainda significa dizer que poderíamos pensar na possibilidade de existir *outros olhos* em nosso corpo com capacidade de ver e sentir as coisas, não de forma ingênua ou idealista, mas comprometidos com a transformação da humanidade como encontramos em Freire (2007b, p.17-8) ao dizer que: “Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos. Neste sentido, a transgressão dos princípios éticos é uma possibilidade, mas não é uma virtude”.

Diante destas considerações afirmamos que a pesquisa nos proporcionou ter “*outros olhos*” para a Educação Física. Não somente para o passado, mas na compreensão do momento presente e nas possibilidades de visualizar outro futuro. Temos o entendimento de que as lembranças não se esgotaram com esta pesquisa, pelo contrário, elas continuam existindo. Ficam adormecidas, mas de repente surgem vivas e rememoradas com sentimentos variados.

REFERÊNCIAS

- FELIX, R. C. B. Entrevista em 04 de junho na Escola Agar. Otacílio Costa – SC, 2008.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. 30ª ed. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007a. (Coleção Educação e Comunicação V. 1).
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007b. (Coleção Leitura).
- FRUTUOSO, H. B. *Entrevista*. Gravada em 02 de julho na Escola Agar, Otacílio Costa – SC, 2008.
- GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MYNAIO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 23ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- JOSSO, M-C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- KESSEL, Z. *Memória e Memória Coletiva*. Disponível em: http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf. Acesso em maio de 2008.
- KENSKI, V. M. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas/SP: Papirus, 1995.
- KUNZ, E. (Org.) *Didática da Educação Física 2ª*. Ijuí: Unijuí, 2002.
- _____. *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 1998.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MOURA, M. In: *Educação Física no Brasil: Uma história Política* - Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/3097/5/educacao-fisica-no-brasil-uma-historia-politica/pagina5.html>> Acesso 11 maio 2008.
- NEGRINE, A. Instrumento de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: NETO, V. M. & TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa na Educação*

Física: alternativas metodológicas. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004.

.